

Periodicidade
Bimestral
Depósito legal
272758/08
Registo ERC
125392
Edição
Conforto Moderno Uni, Lda.
NIF
508 399 289
Propriedade
Conforto Moderno Uni, Lda.
Rua Quirino da Fonseca, 25 - 2ºesq.
1000-251 Lisboa, Portugal
Telefone
00351 218 473 379

Impressão
Suspensa. Disponível edição on-line.
Distribuição
Conforto Moderno Uni, Lda.

Director
Francisco Vaz Fernandes
francisco@parqmag.com
Editor
Conforto Moderno
Design
Valdemar Lamago
www.valdemarlamego.com

Textos
Adriana Veríssimo Silva
António M. Barradas
Beatriz Nascimento
Carla Carbone
Carlos Alberto Oliveira
Filomena Silvano
Francisco Vaz Fernandes
Lara Mather
Manuela Marques
Maria São Miguel
Patrícia César Vicente
Rafael de Sousa Vicente
Rafael Vieira
Rita Ramos
Roger Winstanley
Sara Madeira
Sara Valente
Sofia Seixo Garrucho
Titus

Fotos
Bernardo Casano
Francisco Hartley
Guilherme Lucas
Isabella Glock
João Barreiros
Ptter Venturin
Sébastien Navosad

Ilustração
Nicolae Negura

Styling
Ana Silva
Mauro Osório
Sara Novais
Sara Peterson
Teresa Silva
Tiago Ferreira

www.parqmag.com
facebook /parqmag
instagram /parqmag
youtube /parqmag

A reprodução de todo o material é expressamente proibida sem a permissão da PARQ. Todos os direitos reservados. Copyright © 2008 – 2021 PARQ.



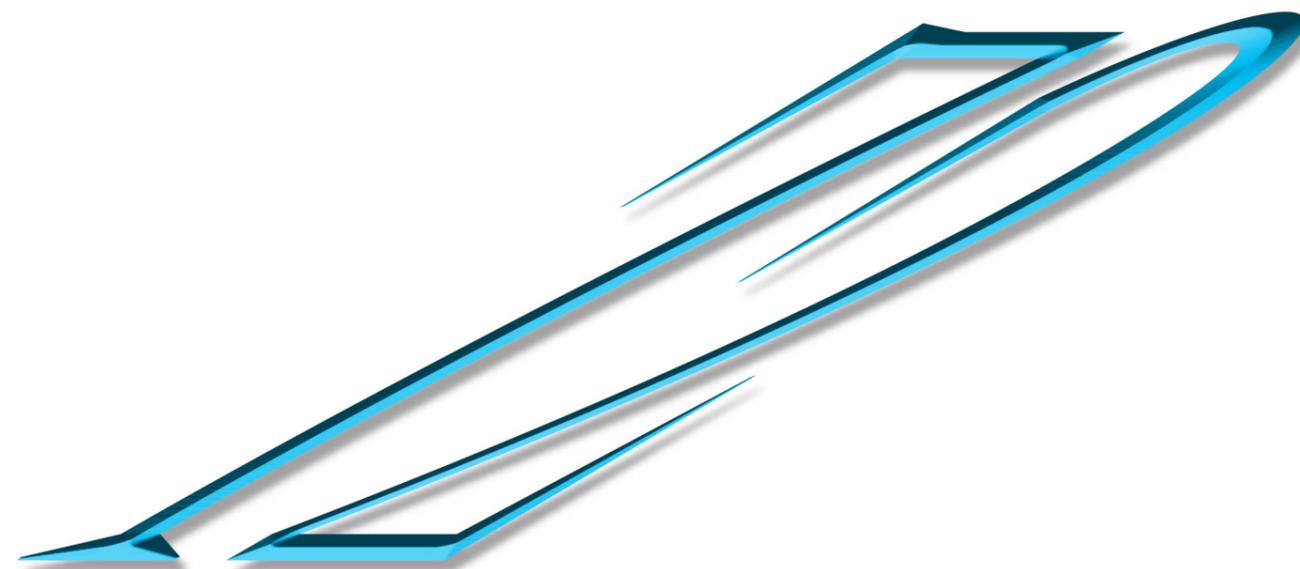
fotografia João Barreiros @joobarreiros.pdf
prod. e styling Sofia de Carvalho @sofidocarvalho

casaco Bomber Dunbrooke calças e polo
Fred Perry sapatos Steve Madden



fotografia João Barreiros @joobarreiros.pdf
styling Tiago Ferreira

puffer Krisjoy calças Jil Sander tudo na Stivali



GOU MUSG

06 Não te Acalmes, Larry
08 Vizinhos
09 Glória
10 Mona Kuhn
18 Cum Laude -Rita GT
24 Oficina Marques
32 Fuse Valley
36 Rooftop Republic
38 Upcycling
44 Fora de Jogo-JoãoJanuário
52 Roots
62 ITS
72 Next Generation
73 Chaild
74 Beleza
76 Sneakers

SOUNDSTACION

86 Damon Albarn

CENCRAL PARQ

88 Carla Prata
94 Alessandro Di Giampietro
102 Policromia
106 Duarte Melo
116 Uniformização
122 2021: A Outra Odisseia no Espaço

FASHION EDITORIAL

128 Isaac Alfaiate
140 Casa Loewe
148 I put a spell on you
168 Sad Party

PARQ HERE

180 Maison Loewe
182 The Ivens Hotel & Rocco
183 Dhalia
184 Casa Loewe Dinner Party
186 Equilibrismo de Opiniões

2021: OUTRA ODISSEIA NO ESPAÇO

texto Manuela Marques
foto Leonor Fonseca



«ARENA»

de 25 Novembro a 19 Dezembro 2021, na GARAGEM DO CHILE, Lisboa

direção SÍLVIO VIEIRA | interpretação ANABELA RIBEIRO, ANDRÉ CABRAL, CATARINA RABAÇA, INÊS REALISTA, MIGUEL GALAMBA, MIGUEL PONTE e PEDRO PEÇAS | colaboração NÍDIA ROQUE, cenografia e figurinos ÂNGELA ROCHA | desenho de luz MANUEL ABRANTES | assistência de cenografia DIOGO GONÇALVES | fotografia LEONOR FONSECA | vídeo ANTÓNIO MENDES | operação de luz JANAINA GONÇALVES | produção OUTRO

Arena intitula o mais recente trabalho do OUTRO, dirigido por SÍLVIO VIEIRA, é uma peculiar incursão espacial para resgatar a imaginação e a beleza, lugar imerso num silêncio abafado pelas vicissitudes voláteis de uma sociedade tecnificada e ruidosa –a nossa.

Em conversa, pós ensaio, o encenador concordou com a ideia de que, em pleno século XXI, apesar da constante sofisticação no ato de comunicar, estamos a perder a capacidade de ouvir, de nos ouvirmos, declarando que: «há uma velocidade estonteante, que não se coaduna com o nosso potencial de apreensão do que nos circunda, ou seja, há um ritmo interno e externo: o ritmo que precisaríamos para nos conectarmos verdadeiramente e o ritmo a que realmente, hoje, tudo acontece, e talvez por isso as coisas fiquem tão vazias...» Quiçá, e conseqüentemente, de forma a combater essa surdez iminente, este espetáculo constrói-se e experiencia-se pela ação de escutar, em escuta ativa, tanto internamente –dentro de cena, entre o elenco e a equipa–, como externamente quando ampliada à presença do público.

Arena existe simplesmente, num exercício sério de beleza, constituindo-se como uma obra disruptiva, instintivamente por reação aos movimentos e temas politizados que a arte usa estrategicamente para se posicionar e/ou estabelecer, inclusive institucionalizar. Pressupondo-se que o ato artístico apartou, há muito, a missão da arte pela arte, na procura do belo, sem se cingir por demandas fraturantes de teor político ou de urgência ideológica, ou seja, pensar e produzir um objeto de arte deixou de ser um gesto de resistência íntima, e imparcial, para se dispor mais como instrumento reivindicativo.

Como tal, foi com astúcia, sensibilidade e verdade que SÍLVIO teve a coragem de romper e contrariar as dinâmicas atuais, fazendo valer o seu direito de liberdade artística, ao conceber esta peça. Oportunidade que se tornou efetivamente viável, dado à sua singular conjuntura, uma vez que este é um dos projetos financiado pelo Ministério da Cultura, ao abrigo do Programa Garantir Cultura –medida extraordinária, não concursal, que permitiu a atribuição de verbas, quase imediata, a diversos artistas para desenvolverem a sua atividade–, e posteriormente conseguiu, também, o apoio da Câmara Municipal de Lisboa –um bónus, como referiu o encenador–, que veio assegurar maior conforto à decisão de realizar o espetáculo numa sala não convencional.

Nesta obra é impraticável dissociarmos o *mise-en-scène* de *Arena* do local onde reside –a Garagem–, porque se revela ser componente central na peça. SÍLVIO explica que: «aqui o espaço é tão concreto e específico, pela sua arquitetura, que o espetáculo acabou por se contaminar por ele (...) diria que foi o elemento mais inspirador no processo de criação, até do que as referências originais que tínhamos na proposta teórica. Não é possível ignorá-lo quando o temos de habitar. E interessa-me muito poder dialogar com os espaços onde apresentamos. Contudo, a



vontade de ter um lugar próprio já existia antes de o conseguir (...) sendo uma companhia jovem, estamos sempre mais condicionados e mesmo que se esteja já programado por um festival ou um teatro, lidamos sempre com constrangimentos de logística ou limitações artísticas, algo que não sucede quando se possui autonomia de espaço, que apesar de dar muito trabalho, nomeadamente burocrático, dá imenso gozo e é bastante libertador.»

Esta *Arena* é terreno de permanente descoberta, em que redigir a sua narrativa revela-se numa odisséia com detalhes que evocam memórias, visuais e sonoras, de imagens cinematográficas –do filme realizado por KUBRICK em 1968–, especialmente pelo ímpeto da curiosidade, na exploração e interação com objetos e pelo confronto com o desconhecido. A peça possui um universo muito particular, que emerge pela relação do Corpo-coletivo Jan a habitar um espaço –integrante da malha urbana, a Garagem do Chile–, construindo a vivência de um dia-a-dia sem imprevistos nem conflitos, onde tudo sucede ordeiramente, até se deparar com uma figura estrangeira –o Astronauta (exímia interpretação de ANABELA RIBEIRO)–, que chega sem aviso prévio e desencadeia simultaneamente surpresa e suspeita.

Jan é uma espécie de entidade pulsante, massa de corpos, cujo os intérpretes que a compõem parecem figurar fatores inerentes à vida, e que a potenciam, como seja: a luz (PEDRO PEÇAS), o som (MIGUEL GALAMBA), o ritmo (ANDRÉ CABRAL), a curiosidade (INÊS REALISTA), o risco (CATARINA RABAÇA) e o engenho (MIGUEL PONTE).



Em *Arena* há isenção de Palavra como expressão, qualidade que permite uma rara comunicação com o público, aberta e sem contaminar a sua interpretação. Quando interrogado sobre o porquê de dar voz ao silêncio, retirando ao discurso (da cena) o código verbal, o encenador respondeu que: «em Teatro, o espectador está muito habituado e condicionado para procurar logo, à partida, o fim da história, por isso nesta proposta parece que se oferece uma história mas depois ela começa a dissolver-se (...) o Texto é uma ferramenta fortíssima que pode dominar completamente toda a percepção do espectador em relação aos elementos mais abstratos da peça, e tudo de repente passa a ser visto por essa lupa –da narrativa–, é um perigo que reduz a potencialidade da abstração, (...) a Palavra é muito determinante, e o teatro muito textocêntrico, mesmo quando não o quer ser, acaba por ser, e por isso quis muito lançar-me para este abismo.»

O silêncio oferece um ambiente propício à contemplação, assim como possibilita a existência, é o princípio do som, os especialistas (musicólogos) defendem que a Música surge antes da Palavra, e neste projeto apenas há apontamentos sonoros, lampejos que evidenciam a quietude de cada paisagem.

Curiosamente, não tendo sido intencional, esta opção pela ausência da Palavra confere, ainda, ao espetáculo o benefício da inclusividade na captação de públicos, tornando-o acessível para uma franja de pessoas que necessitaria de tradução.

Arena guia-se pelo sentido, despe-se de vocábulos elaborados e reabre a dimensão do quimérico. Logo o seu nível de inteligibilidade, de que forma chega e o que comunica com a audiência, é uma inevitável incógnita - um receio que Sílvio Vieira confessou ter, por arriscar e nos presentear com tão singela criação.